

O EXERCÍCIO CÍVICO NECESSÁRIO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

IstoÉ-Senhor, 10.08.1988

A notícia, na última semana, que a inflação passará de um patamar de 20 por cento ao mês para uma taxa de 24 por cento em julho trouxe novamente para a sociedade brasileira uma sensação de ansiedade, de quase pânico. Medo de hiperinflação, medo de desorganização econômica, incerteza quanto ao futuro. Para quase todos recolocou-se uma questão que vem sendo repetida com frequência cada vez maior desde que foram assegurados cinco anos ao Presidente Sarney: "como será possível ao país atravessar os dezoito meses de desgoverno que temos ainda pela frente?"

Não tenho uma resposta satisfatória para essa pergunta. A crise política - a crise de falta de legitimidade da presidência - foi sem dúvida provocada pelo próprio Sarney. O recente episódio de seu ataque à Constituição, e de sua fulminante derrota dois dias depois no plenário da Constituinte, seguida pela saída dos três últimos ministros progressistas de seu governo, de Renato Archer, Celso Furtado e Luiz Henrique, são uma última demonstração do desastre político que tem sido seu governo.

A crise econômica, entretanto, é anterior a Sarney. Vem do final da última década. Simplesmente o presidente não se demonstrou à altura do problema. Não foi capaz assumir o comando da grande batalha contra o desequilíbrio financeiro estrutural do setor público e a dívida externa, que estão na base da estagnação econômica e das altíssimas taxas de inflação que afligem o país nesta década, nem sequer soube dar a seus ministros da área econômica o apoio necessário para que realizassem o ajuste necessário. Esta crise é muito profunda, exige medidas heróicas. Exige uma visão e uma coragem que só os estadistas possuem. Não é esse, obviamente, o caso de Sarney.

Não vejo, portanto, perspectivas de solução a curto prazo para a crise brasileira. Por isso nosso exercício neste momento, o exercício cívico e democrático que o momento exige, deve ser o de saber conviver com a crise - com a falta de legitimidade política do governo, com a inflação, com a estagnação.

Sem dúvida, não podemos perder o senso crítico. Devemos ter bem claro para nós o fracasso deste governo, seu conservadorismo que não convence os próprios conservadores porque na verdade é um conservadorismo arcaico, mercantil, parasitário do Estado que nada tem a ver com o capitalismo moderno, seu fisiologismo ou seu clientelismo intrínsecos que o fazem tributário das formas mais antigas e mais condenáveis de fazer política, sua mediocridade que o torna incapaz de compreender a natureza da sociedade brasileira e da crise que a assoberba, sua fraqueza senão sua tibieza que não lhe permitem tomar as medidas corajosas que o momento exige.

Mas, ao mesmo tempo, devemos ter paciência. Empresários, trabalhadores, classes médias assalariadas precisam compreender que no momento não há mais nada a fazer politicamente a nível federal senão esperar, senão conviver com a crise. A nível municipal teremos eleições, que serão importantes, principalmente a de São Paulo. A vitória do PSDB deverá significar uma nova esperança para o país. Mas no plano nacional, o exercício democrático necessário é o da paciência, é o de saber suportar o momento difícil sem pânico nem desesperança.